ELEIÇÃO DE DONALD TRUMP

BOA OU RUIM PARA O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO?

FELIPPE SERIGATI
Doutor em Economia pela Escola de Economia de São Paulo (FGV-EESP), professor e pesquisador do Centro de Agronegócio da FGV (GV Agro) – felippe.serigati@fgv.br

KELLEN SEVERO
Jornalista pós-graduada em Economia pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, na Universidade de São Paulo (Fipe/USP), apresentadora e editora-chefe do jornalístico Mercado&Cia, no Canal Rural – severokellen@gmail.com

A ELEIÇÃO de Donald Trump para a Presidência dos Estados Unidos será um dos fatos políticos mais marcantes de 2016. A notícia, que sacudiu o mercado financeiro no mundo todo, também impactou o Brasil, quando, na semana posterior à confirmação da vitória do republicano, o dólar embalou uma alta de quase 9%. A turbulência que a vitória criou nos mercados não decorreu simplesmente do fato de ter contrariado a quase totalidade das pesquisas de opinião e as projeções de diversos analistas, mas porque gerou (e ainda há) grande incerteza a respeito de quais devem ser as linhas gerais das políticas do novo presidente norte-americano. E o agronegócio brasileiro? De que forma a gestão Trump pode impactar o universo agro aqui no Brasil?

DIANTE DA INCERTEZA, OS MERCADOS BALANÇARAM

O período imediatamente posterior à confirmação da eleição do candidato republicano Donald Trump foi marcado por grande incerteza, refletida na queda de diversas bolsas de valores, na valorização de ativos considerados mais seguros, tais quais o dólar, o iene e o ouro, e na perda de valor das moedas de países emergentes, inclusive o real brasileiro, mas com especial destaque para o peso mexicano. Por trás dessa incerteza, entre outros motivos, há o fato de que ainda não está claro qual será o perfil da política econômica do novo presidente norte-americano.

POLÍTICA FISCAL EXPANSIONISTA E PRESSÃO SOBRE A TAXA DE JUROS

Do lado da política fiscal, Trump tem dado claros sinais de que, de um lado, aumentará os gastos públicos, tanto em infraestrutura, quanto no Departamento de Defesa, e, de outro, reduzirá impostos, possivelmente sobre as empresas e as pessoas físicas das faixas de renda mais altas. Embora a expansão dos gastos deva gerar impactos mais intensos do que a redução dos impostos, ambas as medidas devem aquecer a economia

SHUTTERSTOCK



norte-americana, gerando empregos, pressão sobre os salários e inflação.

Entretanto, uma vez que o governo norte-americano já está operando com um nível de gastos superior à sua arrecadação (o déficit primário dos Estados Unidos será de aproximadamente US$ 713,7 bilhões neste ano), a combinação de expansão de gastos e corte de impostos levará inevitavelmente à elevação da sua dívida pública (que já está em um patamar equivalente a 107% do PIB). Com a expansão da dívida em ritmo superior àquele observado nos últimos quatro anos, associado a uma inflação acelerada, haverá uma maior pressão para que a taxa de juros norte-americana suba em uma velocidade ou intensidade acima da esperada inicialmente – o que, no curto prazo, pode não ser uma má notícia para a economia mundial.

JUROS MAIS ALTOS, DÓLAR MAIS FORTE, *COMMODITIES* MENOS ATRAENTES

A elevação – na verdade, a simples perspectiva de elevação – da taxa de juros norte-americana traz diversos impactos para os preços das *commodities* agrícolas:

- Como, no mercado internacional, as *commodities* são precificadas na moeda norte-americana, a elevação da taxa de juros e a consequente valorização do dólar forçam o preço das *commodities* para baixo, para que mantenham o seu valor "real";

- Como as *commodities* são uma classe de ativo financeiro, a maior rentabilidade dos títulos da dívida norte-americana faz com que estes papéis atraiam recursos aplicados em ativos associados às *commodities*, pressionando para baixo as suas cotações;

- A dinâmica anterior também vale para as moedas, notadamente, de países emergentes, como o Brasil. Logo, com a depreciação do real, os preços dos produtos agrícolas no mercado brasileiro tendem a subir mais do que compensando o ajuste nas cotações internacionais.

As incertezas geradas pela vitória de Donald Trump não ficaram limitadas às políticas macroeconômicas, mas avançaram fortemente sobre qual deve ser o novo desenho da política comercial norte-americana. Na realidade, é possível afirmar que a maior fonte de incerteza esteja justamente nos impactos que o comércio internacional poderá sofrer com um governo norte-americano de viés mais protecionista.

COMÉRCIO INTERNACIONAL: TALVEZ A MAIOR DAS INCERTEZAS

Além dos impactos via política econômica e mercado financeiro, as incertezas com relação ao governo Trump também atingem o agronegócio via comércio internacional. O novo presidente republicano tem emitido sinais de que adotará uma política mais protecionista, ameaçando, inclusive, rever os acordos tanto do Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA), quanto do Acordo Transpacífico (TPP). Além disso, foram ventiladas por Trump as possibilidades de sobretaxar importações do México e da China. Se confirmados esses cenários, há chances de o Brasil aproveitar o espaço deixado a partir dessas mudanças e aumentar a inserção no comércio internacional. O agronegócio brasileiro, que é pouco beneficiado por acordos de livre-comércio, poderia encontrar uma brecha nas barreiras protecionistas de Trump para que outros países compradores voltassem a atenção para cá em busca de *commodities*.

Uma das preocupações mais prementes entre os setores do agronegócio brasileiro é a pecuária, que fechou, no último ano, o acordo para exportação de carne bovina *in natura* para os Estados Unidos, depois de longos quinze anos de negociações. No entanto, talvez não haja retrocesso no comércio estabelecido entre os países, uma vez que o Brasil não está entre as prioridades da pauta anunciada nos discursos de Donald Trump.

Por fim, é bom lembrar que o agronegócio brasileiro não registrou crescimento vertiginoso no comércio com os Estados Unidos nos últimos oito anos, com o governo Barack Obama. Logo, é razoável supor que, ao menos até o momento, não há grandes preocupações com possíveis efeitos deletérios do governo Trump para a pauta agrícola brasileira. Todavia, a incerteza ainda é grande; temos que permanecer atentos. Ao final, é possível que o agronegócio brasileiro tenha até mais fatores para comemorar do que para lamentar. ■